Freitas Nobre

Ulysses e a odisséia das presidências

Alguns leitores me escreveram pedindo que desse "um palpite" sobre a eleição do deputado Ulysses Guimarães para a presidência do PMDB".

Um deles entende que posso tirar uma conclusão provável do desfecho da controvérsia.

Pareceu-me que já estão montando bancas de aposta para o resultado. Ulysses presidente da Constituinte, da Câmara, vice-presidente da República em conseqüência, e presidente do PMDB.

Para responder, permito-me alguns detalhes a respeito do Dr. Ulysses, como o chamava o moderado Thales Ramalho, hoje ministro do Tribunal de Contas da União.

Sua principal característica é a frieza com que enfrenta situações delicadas e a forma, às vezes desconsertante, com que reage às agressões, mesmo de companheiros.

Na sua sala da presidência do PMDB, na Câmara, entrou um dia, o deputado João Cunha que vinha lhe fazendo pela imprensa uma série de críticas. Era a época acesa de uma divergência entre autênticos e moderados.

Ao entrar em sua sala, e chamando-o de estadista, Ulysses foi se levantando, erguendo os braços e dizendo:

João, como desejaria que você dissesse aqui o que você fala lá fora e falasse lá fora o que você diz aqui...

Mas, o curioso era quando Ulysses terçava armas com Tancredo, ambos vindos de uma mesma escola pessedista e com tantos anos de janela parlamentar.

Durante a campanha das diretas, Ulysses em Teresina, no mesmo hotel em que se encontrava o então vice-presidente da República, Aureliano Chaves, teve notícia de insatisfações militares. Os telefones ficaram congestionados. Os assessores de Aureliano e o próprio vice, monopolizavam os circuitos e a telefonista do hotel.

Afinal, Ulysses conseguiu uma linha para o Palácio do Governo em Minas Gerais, onde Tancredo pontificava.

Tancredo, correm notícias preocupantes. Os militares estão tranqüilos?

Depois de uma prudente pausa mineira, o governador Tancredo Neves que não ignorava que os telefones estavam grampeados quebrou o silêncio, repentindo várias vezes a mesma frase:

Ulysses, aproveite o tempo, aí. Ponha um calção e vá para a praia.

Afinal, Ulysses entendeu o conselho, até porque Teresina é uma capital longe do mar...

Sua sensibilidade foi colocada à prova seguidas vezes e, por certo, não será agora na Constituinte que ela vai falhar.

Como a tradição pessedista que ele soube conservar, explorar e estimular, atravessou horas difíceis.

Mas é esse Ulysses frio e calculista, presidente da Constituinte e da Câmara, que o stress surpreendeu por duas vezes, mas que fica um jovem quando o tóxico do poder o afaga na volúpia das presidências. Aliás, até Totônio Vilela não escapava desse envolvimento. Gravemente enfermo e substituindo Ulysses estressado, durante 30 dias, virou um menino e correu na campanha da anistia tantos presídios que perdeu a conta do seu número!

No dia que lhe traçaram o perfil, esses detalhes serão uma gota d'água na sua longa trajetória que começou na velha Academia do Largo de São Francisco e no patrocínio amigo do embaixador José Carlos de Macedo Soares que lhe perscrutava, certamente, a vocação política que veio desaguar na Constituinte de 1987.

Pois este homem que só costuma entrar na briga quando percebe que tem condições de vencer, embora não tenha sido fácil para Tancredo desencarná-lo da obstinação da Presidência da República, quando a campanha das diretas ajustou-se pragmaticamente ao instrumento do colégio eleitoral, não precisa concorrer à chefia do PMDB.

Ele é o presidente.

Pelo artigo 8º do Estatuto do PMDB, estão proibidos de pertencerem às Comissões Executivas Nacional, Estadual e Municipal, o presidente da República e o seu vice; os ministros de Estado, governadores e vices, secretários de Estado, prefeitos e vice-prefeitos.

Ulysses não é o vice-presidente da República escolhido na conformidade da legislação já revogada do Colégio Eleitoral que fez a chapa Tancredo-Sarney. É um eventual substituto do chefe da Nação na condição de presidente da Câmara e, assim, só estará obrigado a afastar-se da Comissão Executiva Nacional na hipótese de assumir a Presidência da República.

Quando em algumas ocasiões substituiu o presidente Sarney, ele se afastou da referida Comissão, assumindo a presidência da mesma o 1º vice-presidente.

A Comissão Executiva Nacional é escolhida pelo Diretorio Nacional entre seus integrantes e tem um mandato de dois anos que, por sinal, ainda está em curso. O artigo 32 do Estatuto partidário, em seu parágrafo 1º, determina que os suplentes assumirão automaticamente na ordem de colocação as vagas dos titulares impedidos. Esse impedimento ou vacância só ocorre em caso de morte, renúncia ou disposição legal, na conformidade do que dispõe o parágrafo 4º do mesmo artigo. Além disso, prevê o Estatuto um prazo de 30 dias a partir da vacância para que as vagas sejam preenchidas. Ora, os governadores que tomarão posse dia 15 de março ainda não renunciaram às posições que ocupam na Executiva Nacional e, assim, o prazo para o preenchimento dessas vagas — e apenas destas — vai até 15 de abril.

Dessa forma, o Diretório convocado para a eleição dos vice-presidentes que se elegeram para os governos estaduais vai apenas preencher estes claros.

A presidência não está vaga. Isto quer significar que Ulysses permanece presidente do PMDB antes, durante e depois da reunião do Diretório a ser convocado pela Comissão Executiva Nacional.

Finalmente, a resposta: tendo Ulysses um primeiro-vice-presidente que lhe dê tranqüilidade, pedirá uma licença durante o período de duração da Constituinte.

Mas isso não o impedirá de reassumir, a qualquer momento, a presidência, que continua sua...